

Priscilla Kacilda



Brincantes trabalham pela sobrevivência da cultura popular

Priscilla Kacilda



Histórias transformam o espaço em local de pertencimento

Reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do DF, o grupo Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro transforma a cultura popular em prática comunitária, política e celebração coletiva

» VITÓRIA TORRES

Brasília é conhecida por seus prédios monumentais, por homens com seus ternos sérios e pelo centro do poder político do país. Mas, longe disso, há também uma cidade que pulsa no ritmo do tambor, da dança pisada e da imaginação coletiva. Aqui vivem brincantes — artistas, animadores e pessoas movidas pelo prazer cantar, dançar e contar histórias — que fazem da cultura popular um espaço de pertencimento e resistência.

Entre esses coletivos, o Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro ocupa um lugar singular. Fundado em 2004, o grupo é hoje uma das mais importantes manifestações da cultura popular brasiliense. Misturando referências do Maracatu, do Cavalo-Marinho e de outras tradições nordestinas, o Seu Estrelo criou uma linguagem própria, o chamado Samba Pisado, além de um mito original: o Calango Voador.

Em 2024, esse trabalho de invenção e reinvenção foi oficialmente reconhecido. O grupo foi registrado como Patrimônio Cultural Imaterial do Distrito Federal. À frente dessa caminhada está Mestre Tico Magalhães, fundador e mestre da manifestação, que define 2025 como um ano de intenso fortalecimento cultural.

“O ano de 2025 para Seu Estrelo foi de muita prática cultural. Conseguimos manter os nossos festejos, os encontros com escolas de todo o DF, as oficinas e os projetos de troca com mestres e pensadores da cultura popular”, afirma.

Segundo ele, o Centro Tradicional de Invenção Cultural, sede do grupo, cumpre um papel central nesse processo. O espaço funciona como escola aberta, recebendo estudantes da rede pública, novos brincantes, pesquisadores e visitantes de outras cidades e até de outros países.

“Conseguimos passar a nossa brincadeira, essa tradição da cidade, para os querem conhecer a tradição e se divertir. Foi um ano de muita celebração comunitária e do fortalecimento desse brinquedo, dessa tradição serranense criada pelo grupo”, diz o mestre.

Cultura como política

Além das atividades formativas, o grupo ampliou sua atuação por meio de parcerias institucionais. Com a Secretaria de Cultura do DF, os festejos do Seu Estrelo se consolidaram e, em 2024, passaram a integrar oficialmente o calendário da cidade por meio da Lei nº 7.623/2024.

Entre os projetos de 2025, ele cita o *Conter-râneos Novos de Guerra*, realizado com apoio da Neoenergia, que homenageou o cineasta Vladimir Carvalho e os candangos que construíram Brasília. Outro destaque foi o *Brasilidades*, projeto que promove encontros entre mestres, estudiosos e pensadores da cultura popular.

“Essas trocas são tão importantes para o fortalecimento da brincadeira! A cultura popular talvez seja a forma mais revolucionária e afetuosas de se fazer política”, afirma.

Em 2025, essa relação entre cultura, política e afeto fez com que o grupo presenteasse o presidente Luiz Inácio Lula da Silva com um dos seus ternos mitológicos, peça simbólica da manifestação. “Levar o terno para Lula foi um momento de profunda felicidade”, conta Tico.

A roupa foi o primeira da história do grupo e cuidadosamente reformada para a ocasião. “O terno para a gente é muito sagrado, tem toda uma simbologia. Brasília é conhecida pelos ternos por esse olhar político que se tem da cidade. A gente pega esses ternos e ressignifica, brinca com eles, enfeita, cria outra possibilidade”.

O Calango Voador

No centro de tudo está o Calango Voador, mito criado pelo grupo e base simbólica de toda a manifestação. “O mito do Calango Voador

Raissa Azeredo/Divulgação



O Calango Voador no 5º Festival Brasileiro de Teatro de Terreiro

Ensinando a arte de brincar e resistir

Raissa Azeredo/Divulgação



Sereia Laiá em Festa de Abrição de 2025

Programação

Março

Retomada das oficinas anuais da sede e escola do Grupo - Centro Tradicional de Invenção Cultural. Oficinas de percussão, teatro, dança, agbê e canto

Abril

Festa de abrição (em homenagem à Sereia Laiá)

Junho

Festa Fuazeiro - 22 anos do Fuá de Seu Estrelo Neste mês também acontecerá a estréia da 7ª Roda do Grupo e a circulação de seu mais novo espetáculo

Agosto

6º Festival Brasileiro de Teatro de terreiro

Setembro

Festa Alada (em homenagem à figura do calango voador)

Ricardo Stuckert/Divulgação



Presidente Lula recebe de Maria Isabela e Tico Magalhães o terno ressignificado do grupo

é a mitologia do grupo Seu Estrelo. É toda a base da brincadeira. É por causa dele que a gente cria essa tradição popular e se torna patrimônio cultural”, explica o mestre.

Segundo Tico, é a partir das histórias do Calango que o grupo se reconhece como comunidade e se conecta ao Cerrado. “É através dessas histórias que a gente cria nossos festejos e constrói essa relação com a cidade, com o país e com o mundo.”

Para ele, a cultura popular não deve ser tratada como produto de vitrine. “A cultura popular não trabalha com mercado cultural nem com monocultura. Ela trabalha com o fortalecimento de cada lugar, de cada tradição dentro do seu próprio espaço”, defende.

Calendário para 2026

O Grupo Seu Estrelo já se prepara para um calendário intenso em 2026. As três festas tradicionais seguem acontecendo nos mesmos períodos: Festa de Abrição, em abril; Festa Fuazeiro, em junho; e Festa Alada, em setembro. Em agosto, o grupo realiza a 6ª edição do Festival Brasileiro de Teatro de Terreiro.

Além disso, com apoio do Fundo de Apoio à Cultura do DF, o grupo estreia em junho a 7ª Roda do Seu Estrelo, ampliando sua circulação artística. As oficinas no Centro Tradicional de Invenção Cultural serão retomadas em março, com inscrições abertas em fevereiro, oferecendo atividades de percussão, teatro, dança, agbê e canto.

Para o futuro, Mestre Tico resume o desejo do grupo este ano. “A expectativa para 2026 é manter as nossas práticas, manter a comunidade junta e fortalecida, ampliar com a chegada de novas pessoas, mas continuar tocando para o Cerrado, insistindo nessa prática comunitária de pertencimento e de política cotidiana”.